

A SOBERANIA DAS PALAVRAS

LUIZ CELSO PINHO

Professor Associado I da UFRuralRJ. Pós-doutor em Ética e Filosofia (PUC-PR)

RESUMO: O intuito de *A arqueologia do saber* consiste em estabelecer uma base teórico-conceitual homogênea para as pesquisas histórico-filosóficas que a antecederam: uma arqueologia da percepção, em *História da loucura*; uma arqueologia do olhar médico, em *O nascimento da clínica*; e uma arqueologia das ciências humanas, em *As palavras e as coisas*. No entanto, o que se encontra efetivamente em jogo é uma frontal recusa do primado antropológico no campo da história, da filosofia e nos estudos que tratam da formação do conceito de homem. E isso se dá justamente porque Foucault atribui às palavras uma dimensão ontológica.

Palavras-chave: Linguagem. Sujeito. História. Filosofia. Ciências Humanas.

I

Foucault redige *A arqueologia do saber* (1969) no intuito de refletir sobre as investigações arqueológicas realizadas em

História da loucura (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966). Nessas pesquisas histórico-filosóficas tratava-se sempre de dar conta, de modo original e provocativo, do surgimento de saberes os mais diversos sobre o homem na Era Moderna. Porém, ao examinarmos o conteúdo argumentativo dessa reflexão arqueológica tomando como referência os principais escritos foucaultianos, percebemos que estamos lidando com um livro permeado de atipicidades. Podemos destacar, neste sentido, quatro aspectos.

Inicialmente, sua hipótese-base já estava contida nas páginas de *As palavras e as coisas* com a ideia de que há autonomia, e mesmo primado, dos discursos em relação aos que os proferem, o que lhe rendeu o epíteto de estruturalista. Além disso, resulta diretamente de dois ensaios redigidos com o intuito de esclarecer os questionamentos elaborados por leitores da revista *Sprit* (“Resposta a uma questão”)¹ e alunos da Escola

¹ Foram inúmeras perguntas, mas Foucault privilegiou a última, justamente a que remetia à inserção das estruturas no ofício do historiador: “Um

Normal Superior de Paris (“Sobre a arqueologia das ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia”).² Desenvolve, ainda, uma reflexão puramente metodológica, voltada para a homogeneização da nomenclatura e dos conceitos utilizados nas obras anteriores sobre a loucura, a medicina e as ciências humanas. Por fim, apenas *A arqueologia do saber* e *Raymond Roussel*, este último publicado em 1963 e centrado no estatuto filosófico do discurso literário, estão voltados para a descrição de uma forma de conhecimento que toma como fundamento a linguagem em vez do sujeito.

pensamento que introduz a coerção do sistema e a descontinuidade na história do espírito não remove todo o alicerce para uma intervenção política progressista? Não conduz ao seguinte dilema: ou a aceitação do sistema ou o recurso ao acontecimento selvagem, à irrupção de uma violência exterior, única capaz de abalar o sistema?” (Foucault, M. “Réponse à une question” in **Dits é écrits**, I, p. 673).

² O questionamento girou em torno do problema das rupturas históricas: “O autor de *As palavras e as coisas* assinala uma descontinuidade vertical entre a configuração epistêmica de uma época e a seguinte. Perguntamos a ele que relações mantêm essa horizontalidade e essa verticalidade” (Foucault, M. “Sur l’archéologie des sciences. Réponse au Cercle d’epistémologie” in **Dits é écrits**, I, p. 696).

II

Com *A arqueologia do saber*, o projeto foucaultiano de elaborar uma história arqueológica ao mesmo tempo se consolida e é deixado de lado. Por um lado, verificamos o esforço de explicitar os pressupostos que norteiam sua abordagem histórica inovadora. Por outro lado, Foucault sempre subordina suas escolhas metodológicas à problemática em que está interessado. Daí constatarmos que nas obras seguintes, voltadas para os dispositivos disciplinares e normalizadores, os acontecimentos serão abordados a partir da noção nietzschiana de genealogia.

Apesar desse estilo cambiante, não podemos esquecer que *A arqueologia do saber* explicita um componente invariável no *opus* foucaultiano. Em sua parte inicial (não há propriamente

uma introdução), Foucault esboça um pequeno tratado sobre como se deve escrever a história numa perspectiva arqueológica. Daí problematizar questões do tipo: Que forma de encadeamento se pode traçar entre os acontecimentos? O que é um “documento” histórico? Como ele deve ser “interpretado”? De que modo se deve realizar a reconstituição do passado?

No entanto, e isso é o que pretendemos ressaltar, o fio condutor de suas preocupações reside em combater o privilégio do sujeito no discurso histórico. A análise arqueológica denuncia então o que pode ser entendido como “a busca de um fundamento originário que faça da racionalidade o *telos* da humanidade”.³ Foucault almeja desvencilhar-se de todo um conjunto de noções que fomentam o tema da continuidade e de unidades que são utilizadas de modo irrefletido: recortes familiares como a ciência, a literatura, a filosofia, a religião, a história, a ficção e, mais radicalmente, o livro, a obra e o autor, deixam de ser uma evidência e passam a ser questionados. “Faz-

³ Foucault, M. *L’archéologie du savoir*, p. 22.

se necessário manter em suspenso essas formas preliminares de continuidade, todas essas sínteses que não problematizamos e que deixamos valer de pleno direito. Não se trata, certamente, de recusá-las definitivamente, mas sacudir a quietude com a qual as aceitamos; mostrar que elas não se justificam por si mesmas, que elas são sempre o *efeito de uma construção* da qual é preciso conhecer as regras e controlar as justificações; definir em quais condições, em vista de quais análises, algumas são legítimas, indicar aquelas que, de qualquer forma, não podem mais ser aceitas”.⁴

A crítica dessas unidades pré-estabelecidas está articulada ao imperativo de retirar do sujeito a soberania que ele detinha de modo exclusivo e instantâneo sobre o discurso. Se, por um lado, a escrita arqueológica passa a ser definida como um procedimento que descreve dispersões para extrair sistematicidades provisórias – as chamadas regularidades discursivas –, por outro lado, ela explicita seu afastamento do

⁴ *Ib.*, p. 37.

tema de uma atividade fundadora do sujeito na qual o devir histórico é concebida em termos de *gênese*, *continuidade* e *totalização*.

A arqueologia incorpora a diretriz programática de “não negligenciar nenhuma forma de descontinuidade, de corte, de limiar ou de limite”.⁵ Assim, ao que pode ser interpretado como uma recusa da historicidade das coisas, Foucault retruca afirmando que “o que tanto se lastima não é o desaparecimento da história, mas o esfacelamento desta forma de história que era inteiramente referida, porém em segredo, à atividade sintética do sujeito; o que se lastima é o devir, que deveria fornecer à soberania da consciência um abrigo mais seguro, menos exposto que os mitos, os sistemas de parentesco, as línguas, a sexualidade ou o desejo; o que lastima é a possibilidade de revigorar, pelo projeto, o trabalho do sentido ou o movimento da totalização, o jogo das determinações materiais, das regras de prática, dos sistemas inconscientes, das relações rigorosas mas não refletidas,

⁵ *Ib.*, p. 44.

as correlações que escapam a toda experiência vivida; o que se lastima é o uso ideológico da história pelo qual se tenta restituir ao homem tudo aquilo que, depois de mais de um século, não cessou de lhe escapar”.⁶

Enquanto a atividade do historiador repousa no sono tranquilizador propiciado pelas noções de unidade original, continuidade temporal e horizonte teleológico, o que está em jogo é a intenção de “preservar, em relação a todas as formas de descentramento, a soberania do sujeito, e as figuras gêmeas da antropologia e do humanismo”.⁷ Foucault pretende “libertar a história do pensamento de sua sujeição transcendental” visando abordá-la “em uma descontinuidade que nenhuma teleologia reduziria antecipadamente; de localizá-la em uma dispersão que nenhum horizonte preliminar poderia tornar a juntar; de deixá-la se desdobrar num anonimato a qual nenhuma constituição transcendental imporá a forma do sujeito; de abri-la a uma

⁶ *Ib.*, p. 24.

⁷ *Ib.*, p. 22.

temporalidade que não prometeria o retorno de nenhuma aurora”.⁸

Quando Foucault elege a noção de enunciado, em *A arqueologia do saber*, como o “átomo do discurso”⁹ que servirá de ponto de partida para o filósofo-historiador, ele o faz a partir da exigência de operar “certa conversão do olhar e da atitude”.¹⁰ Apesar dessa postura ainda poder ser associada a um subjetivismo ingênuo, é preciso se ter em conta que Foucault não busca descrever unidades elementares, mas sim redimensionar toda a prática de pensar calcada em categorias prontas e acabadas. Esse preceito o afasta da vizinhança indesejável com o pensamento antropológico, por ele denunciado como uma nova e insidiosa modalidade de dogmatismo em *As palavras e as coisas*.

Deste modo, a “conversão” acima mencionada visa neutralizar a existência de noções antropológicas no âmbito do relato histórico, da reflexão filosófica e das teorias das ciências

⁸ *Ib.*, p. 264-5.

⁹ *Ib.*, p. 107.

¹⁰ *Ib.*, p. 145.

humanas. O ponto de partida da arqueologia foucaultiana reside em tratar os discursos segundo o princípio da dispersão, em vez de lhes atribuir uma natureza prévia que não deve ser questionada. Trata-se de “restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento”,¹¹ rompendo assim a familiaridade que unia o passado à memória do historiador.¹²

Ao longo de toda a argumentação de *A arqueologia do saber*, Foucault lança a exigência programática de restituir à história dos discursos “uma dispersão que não pode jamais reconduzir a um sistema único de diferenças, uma dissipação que não concerne a eixos absolutos de referência; trata-se de operar um *descentramento que não permite privilégio a nenhum*

¹¹ *Ib.*, p. 40.

¹² É o que Serres nota quando afirma que “o arqueólogo volta sobre a história como se ela tivesse sido escrita numa língua que não é mais a ciência morta, esquecida, abandonada; ele suspende essa recorrência instintiva que une o investigador e seu objeto, ele anula esse fluxo de comunicação que torna possível uma comunidade de cultura entre o historiador e o historiado” (Serres, M. “Le retour de la nef” in **Hermès ou la communication**, p. 198).

centro".¹³ Ao localizar na história "o lugar último do pensamento antropológico",¹⁴ a arqueologia pretende retirar do sujeito a soberania adquirida por ele na esfera discursiva.

III

Esse descentramento se inspira fundamentalmente numa experiência literária. Foucault almeja discutir o estatuto filosófico da linguagem na História do Pensamento tomando como referência outros parâmetros teóricos. Como assinala Roberto Machado, verificamos nele a apologia de um tipo de literatura "que é linguagem pura, que só fala de si mesma, que não expressa nenhuma realidade preexistente".¹⁵ Tem-se aqui a ideia de que as palavras possuem uma espessura própria, um "ser" que só diz respeito a elas, que jamais se reduz a uma

subjetividade triunfante ou uma entidade transcendente que paira sobre tudo o que é dito. Nem humanismo, nem teologia. O "ser da linguagem" foucaultiano nos abre para outra forma de pensamento, para uma ontologia desprovida de raízes metafísicas ou antropológicas.

Um bom exemplo dessa abordagem é a leitura que Foucault faz do escritor francês Raymond Roussel, tendo em vista que suas narrativas revelam aquilo que seria o "espaço interno da linguagem", a "arquitetura secreta das palavras".¹⁶ Não se trata de nenhum tipo de intuição fenomenológica ou revelação hermenêutica. O primado arqueológico do nível discursivo requer a existência de um espaço do "de-fora [*dehors*] no qual desaparece o sujeito que fala".¹⁷ E é nessa região do saber que as palavras se mostram soberanas, independentes e portadoras de uma verdade que remete apenas a elas mesmas.

¹³ Foucault, M. *L'archéologie du savoir*, p. 268, grifos meus.

¹⁴ *Ib.*, p. 24.

¹⁵ Machado, R. *Foucault, a filosofia, a literatura*, p. 113.

¹⁶ Foucault, M. "Dire et voir chez Raymond Roussel", in *Dits et écrits*, I, p. 211 e p. 213.

¹⁷ Foucault, M. "La pensée du dehors" in *Dits et écrits*, I, p. 520.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.

_____. **Dits et écrits**, tome I (1954-1969). Paris: Gallimard, 1994.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SERRES, Michel. "Le retour de la nef" in **Hermès ou la communication**. Paris: Minuit, 1968, p. 191-205.